

A SEMANA

CORTE:

Trimestre..... 28000
Semestre..... 48000
Anno..... 88000

Publica-se aos Sabbados

PROVINCIAS:

Semestre..... 18000
Anno..... 38000

DIRECTOR — VALENTIM MAGALHÃES

REDACÇÃO E GERENCIA — TRAVESSA DO OUIDOR, 36, SOBRADO

Numero avulso 100 rs.

Não se restituem originaes, embora não publicados.

Numero atrazado 200 rs.

SUMMARIO

Expediente — Historia dos sete dias — Maria da Fonte, excerpto; Camillo Castello Branco — Politica e politicos; Luiz Murat — Ventura, soneto; Alfredo de Souza — Gazetilha litteraria — Galeria jornalística; Zeca — Cancioneiro dos ciganos — De Portugal — Bólos; Chico Férula — Questão litteraria — A proposito de Guerra Junqueiro & Comp. — Poesia e poetas; D. Ruy — Responso da «Folia Sóva»; Alfinete — Theatros — Matos, Malta ou Matta? romance — Tratos á bola; D. Paster — Recebemo: — Factos diversos — Consultas — Correio — Anuncios.

EXPEDIENTE

Rogamos aos Srs. assignantes de trimestre o obsequio de renovarem as suas assignaturas; e aos que se acham em atrazo o de satisfazerem seus debitos.

Os Srs. assignantes do 1.º trimestre, cuja assignatura terminou com o n. 13, e que não devolveram os ns. 14 e 15, que lhes enviamos, estão considerados assignantes do segundo trimestre corrente, conforme declarámos naquelles numeros.

Tambem recebemos assignaturas de Abril a Dezembro, ao preço de 68000, com direito á collecção desde o n. 1, e a um exemplar do romance MATOS, MALTA OU MATTA.

O Sr. Diogo Francisco Moreira Filho, tem nesta redacção uma carta urgentissima. Queira vir recebê-la.

A SEMANA

HISTORIA DOS SETE DIAS

Rio, 25 de Abril de 1885.

Semana chôcha e sem historia. Ape-nas pequenos disturbios nas ruas sus-peitas, prisões nos bairros affastados, furto de um ou outro queijo despreve-nido, bolacha aqui, tabefe acolá, e pouco mais...

Sómente o grande e tristissimo acon-tecimento da semana passada se prolongou por esta e promete ainda chegar á que vem — o crime da rua da Candela-ria. Como se sabe, Alberico confessou o

crime no sabbado passado, e os depoi-mentos das testemunhas, descobertas pelo Sr. commendador Rosario, cada vez o compromettem mais.

— No dia 18 falleceu em Macalié o Dr. Ignacio Francisco Silveira da Motta, Barão de Villa Franca.

— Os factos demonstrem que a oppo-sição da camara dos deputados vale menos do que uma nevralgia. Effectiva-mente a nevralgia que accommetteu o Sr. Dantas tem-n'o incommodado muito mais do que a dissidencia liberal. A dis-sidencia não passa de um forunculo, fa-cil de resolver por meio da lanceta de uma dissolução, ao passo que a nevralgia é uma molestia renitente e tenaz, diffi-cilima de debellar, enfadonha e dolorosa.

Tem rasão o Sr. Dantas. Depois do brilhante papel que tem feito no desen-volvimento da sua politica de sinceri-dade, teriamos que rir se elle fizesse caso do ridiculo conselho dos dez, com-mandados pelo *petit Boun* de Taubaté, e onde ha membros como o infeliz José Pompen, um triste idiota que não sabe o que faz nem o que diz, um pobre diabo que macularia qualquer facção politica, se as facções politicas da actual oppo-sição fossem capazes de ter a pudica vir-tude da vergonha: onde ha enxovados como Valladares, um russo de triste fi-gura, a quem os collegas appellidaram *Canario do reino*, com grave offensa para os canarios que não podem pro-testar. Pardal, pardal e que elle é; ouçam-lhe os chilidos na camara, e mu-dem-lhe o appellido.

— Teve uma boa idéa o *Jornal do Commercio*. Dizemos isto em primeiro lugar porque o *Jornal* não costuma dar-se ao trabalho de ter idéas, e quando as tem são ruins. Mas desta vez, pôde lavrar um tento—a idéa que teve e boa.

Referimo-nos á policia nocturna par-ticular, paga por conta dos moradores de cada quarteirão, como ha em Lisboa. O *Jornal* diz que em um officio dirigido aos subscriptores da freguezia da Mag-dalena, naquella cidade, pelo encarrega-do do serviço dos policiaes nocturnos, se menciona o facto de não ter havido naquella localidade, durante os ultimos annos, um só roubo. « Com effeito é tal a segurança que existe naquella cidade que as lojas não põem taipaes de noite, e valores consideraveis ficam apenas de-fendidos por uma simples vidraça l »

— No dia 21 festejou-se no theatro S. Luiz o 93 anniversario da ignominiosa morte de Tiradentes. Festa de caracter civico, resumindo em phrasés eloquentes a aspiração republicana dos seus pro-motores, ella foi o que é sempre: — uma reunião pacata e ordeira, que não faz tremar as instituições, nem agitar os es-piritos. Todavia, o esforço de propaganda feito pelas associações republicanas é assás louvavel.

O theatro estava litteralmente cheio e os oradores que tomaram a palavra agra-

daram muito ao audictorio, sendo por vezes interrompidos por estrepitosos ap-plausos.

— « O *Jornal do Commercio* de 21 deu a seguinte noticia:

« **AGRESSÃO.** — Um cigano, de nome Joaquim de Aragão, ex-official de justiça, aggreidio hontem, á uma hora da tarde, no saguão do predio da rua da Consti-tuição, onde funcionam diversos juizos, o sollicitador João Francisco Peixoto, inutilizando-lhe o paletot e dando-lhe uma dentada na mão esquerda.

O aggreuido prendeu-o em flagrante á ordem do juizo da 1.ª vara civil.

Já é talvez tempo de tomar providen-cias ácerca de um grupo de ciganos, que passam o dia no dito saguão, incommo-dando as pessoas que vão tratar dos seus negocios. »

Tem rasão o circumspecto (*Is-caravelho* á parte) e grave collega.

E' urgente pôr cobro a esse escanda-los e indecente espectáculo.

Quem costuma frequentar aquelle edi-ficio pôde julgar da justiça d'esta recla-mação.

E' uma chusma de individuos immun-dos, de physionomias tábidas, vulturinas, narizes em gancho, olhos sanguinolentos, esbugalhados, barba falha e sordida: — roupas esverdeadas, a que o uso ra-fou a côr preta, calças de xadrez, car-tolas pelladas, sebaceas, amarratadas, sapatos liantes, acambaiados, bengalas tortuosas, e, para completar o individuo, uns papeis sujos, em rôlo, sob o braço.

São esses homens os gatos pingados da justiça, os antipathicos e temidos urubús do embargo e da penhora. Actualmente, grande parte do serviço forense já não é confiado a esses su-jeitos; por isso, applicam-se a outras industrias, mais ou menos nocturnas, e que passam o dia no ex-theatro das suas glorias em completa vadiagem, lançando o anzol da sua cobiça incontentavel a todas as pessôas que alli vão, e mettendo os seus narizes afflantes em todos os ne-gocios, á pesca de escandalos e gor-getas.

O cigano Aragão, mordendo o sollici-tador João Peixoto, definiu-se perfeita-mente e a toda a sua classe.

Providencias, portanto, para essa gente. E' dizer-se que as canções e quadrinhas populares dos ciganos são bellissimas, inimitaveis!... Cousa exquisita...

« MARIA DA FONTE »

Publicamos em seguida, como havia-mos promettido no passado numero, um excerpto, inteiramente inedito, — da *Maria da Fonte*, ultima obra do grande Camillo Castello Branco, a qual ainda não sahiu do prelo.

E' uma pagina d'essa prosa magnifica, de um sabor originalissimo, que só se

encontra nos livros do velho mestre, que assombra com a fecundidade e a fulguração do seu talento, aos 50 annos de idade, a moderna geração dos homens de letras de Portugal e Brazil.

Parece-nos que não poderíamos oferecer aos nossos leitores mais delicado e valioso brinde.

(EXCERPTO)

« Entra agora no theatro da guerra o general Canêta. Os fastos d'este Canêta prendem synchronicamente com a chronologia das minhas finanças de ha 39 annos. Não só a saudade d'essas finanças, que tambem a philosophia da historia obrigan a minha penna a mover-se vagarosamente com uma poetica volupia, na factura d'esta meia duzia de paginas em que, n'um ou n'outro periodo, apparece o meu antigo coração em vitrine de museu como uma peça de anatomia mumificada.

Os jornaes de 46 discordam quanto ao nome d'este general. O *Periodico dos Pobres*, uma vez, chama-lhe *Antonio Joaquim de Souza*, outra vez, *João Canêta*, e até chega a confundil-o com o *João Corneta* a quem já dediquei n'este livro uma nota assás tocante. Uma embrulhada cahotica que ficará impene-travel aos especialistas historicos d'esta qualidade de generaes, se eu não desinven-cilhar semelhante meada. O verdadeiro nome do *Canêta* era José Maria de Souza.

Este homem fôra um negociante falido, de Braga. Prestára serviços na revolução popular fornecendo viveres e salitre ás massas por conta dos setembristas. Depois, quando o ministerio cabralista baqueou, fornecia aos miguelistas por conta dos patuleas enganados, e espalhava proclamações incendiarias contra os liberaes. E, como era um pouco idiota, deixou-se prender pela auctoridade de Braga que o fez encarcerar na Relação do Porto em 24 de Setembro de 46.

Quando alli entrei preso em 11 de Outubro, foi o Canêta o primeiro homem que no salão dos quartos de malta me fez os seus cumprimentos. Eu tinha sido preso a requerimento da minha familia, quando ia para Coimbra continuar, no *Pateo*, as minhas explorações scientificas, bebendo nos mananciaes latino e rhetorico do padre Cardoso e do padre Simoens,—Deus lhes falle n'alma em latim ciceroniano. Os meus inimigos em letras, dois annos depois, farejavam delictos execrands na causa mysteriosa d'aquella prisão de sete dias. E eu que, amordaçado pelo pudor, não podia esclarecer a opinião publica do botequim *Guichard* e da *Aguia* e das *Hortas*, mandei pedir á pessoa, que requerera a minha captura, houvesse por bem explical-a. Pôde ser que o divulgar-se agora, na velhice extrema, este lance de nma juventude já esquecida, venha a ser estorvo á inauguração da minha estatua, uma cousa que eu havia de ter por força, sobre um pedestal de adjectivos plangentes com altos relêvos de adverbios, nos oito dias immediatos ao do meu trespassse. Lamento muito e por antecipação esse dissabor que me hade consternar na minha individualidade cosmica de cernelha de boi, de cauda de comêta ou de couve lombarda; mas já agora não posso esquivar-me a ser um pouco Santo Agostinho.

O bemfeitor que me tinha feito prender respondeu assim nos jornaes de 1849, á minha solicitação:

« Sr. redactor.

« Insto pelo favor de transcrever no seu jornal as seguintes linhas:

« Quem fez prender na Relação d'essa cidade Camillo Castello Branco, fui eu que sou seu tio. A causa porque eu o

prendi não é essa que os seus detractores lhe fulminam. É um *rapto*, não é um *roubo*. Para obstar a uma ligação que o faria desgraçado busquei um pretexto; se é d'elle que se aproveitam os seus inimigos, declaro que é falso, e authoriso meu sobrinho a tirar a desforra legal de qualquer ultrage que se lhe faça com allusão á sua captura.

Villa Real, 27 de Fevereiro de 1849.

João Pinto da Cunha. (1) »

Este bom homem, para me salvar de um enlace indiscreto, ordenava ao seu agente no Porto que me fizesse prender como *raptor* de uma mulher sem pai nem mãe e de maior idade, que me acompanhava espontaneamente para Coimbra; e, a não ser este delicto efficaz para a prisão «requerida por meu tio» como se eu fosse o *raptado*, então authorisava o agente a queixar-se de que eu o esbulhara de ricos valores em joias e baixella, 20:000 cruzados, calculava-se no botequim do *Guichard*.

Para que os genealogistas porvindouros da minha linhagem se não vejam embaraçados com esta vergontea de *Pintos e Cunhas* na minha arvore, devo esclarecer que este homem não me era nada—era marido de uma tia minha. Provavelmente, se eu teimasse em matricular-me honradamente com a *raptada*, seria pronunciado como ladrão de joias e baixella, 30:000 cruzados—computava o botequim da *Aguia*.

Honrado e querido tio da minha alma! Uma semana depois que sahi do carcere era apertado nos braços carinhosos do meu salvador que pagou generosamente o aluguer do macho que me conduzio sem difficuldade, porque eu ia tão leve que não levava um pataco—nem a joia d'um pataco, senhores, e logo saberão porque.

Que saudades me fazem estas alegres e esplendidas miserias dos meus vinte annos! Vejam que nem tenho pejo de contar as miserias nem as saudades, hoje que algumas centenas de contos levantam entre mim e esse passado pelintra uma alta muralha de ouro de lei! N'aquelle tempo, os rapazes tinham desvarios tragicos até ao ridiculo, e entravam muito cedo e depressa, na previsão dos escolhos infamados em que haviam de ir a pique, sempre imperterritos e armados como Xerxes do tagante para azoragar as ondas aparcelladas... Mas que saudades eu tenho d'aquellas joias e baixella—50:000 cruzados, para cima que não para baixo, conjecturava o botequim das *Hortas*.

Canêta era um sujeito esgaldado, de meia idade, com suissas de *maitre d'hotel*, semblante espasmodico, d'uma immobilidade ceramica, ares doentios e um sorriso abstracto de idiota feliz. Trajava sobre-casaca preta clerical até aos tornozellos, e um chapéu alto de seda, e por baixo um lenço escarlata de Alcobaca apertado na cabeça com as duas pontas sobre a nuca, em riste, tezas como orelhas fitas n'uma desconfiança de onagro. Jogava o monte e a esquineta n'um quarto dos politicos, presos nos dias seguintes á prisão do duque da Terceira. Era bom ponto e tinha muita sorte. As dez moedas que eu levava para Coimbra ganhou-m'as elle. Era visitado no salão por um setembrista importante. Alguns presos cabralistas por causa d'essa visita desconfiaram que elle fosse espião e acautellavam-se. O Barbosa, das Ayras, um maneta valente da Villa da Feira, chegou a ameaçal-o.

O Canêta, quando não jogava, tinha desmaios de tristeza e chorava copiosamente por se ver entre ferros e com uma catarral de mãos symptomas. A

(1) *Nacional* de 10 de Março, »

cadeia enfraquecêra-lhe o caracter e abastardara-lhe as convicções. Se a venda da consciencia lhe abrisse os ferrolhos do carcere, elle não duvidaria vender essa chimera incommoda quando é preciso nutril-a na cadeia.

Os setembristas sabiam que elle tinha intimidade com o padre Casimiro, rebelde ás ordens da junta. Emprehenderam subornal-o a entregar o padre, a troco da liberdade e algum dinheiro. Esta negociação estava pendente quando eu sahi da relação, e fechou-se alguns dias depois, sendo elle posto em liberdade. Tão reprehensivel veniaga não o impedio de praticar commigo, quando sahi, um acto bizarro. Sabia Canêta que eu, na vespera, tinha perdido os ultimos cruzados novos nas dobradas contra as singellas. Ganhara-os elle. Offereceu-me dez pintos emprestados que eu aceitei e recolhi ao coração, ou, sem methaphora á algibeira cheia de cotão e lagrimas de reconhecimento. Depois, em 1851, fui a Braga e pedi a D. João de Azevedo que me levasse a casa do Canêta. Encontrei-o com o mesmo casaco e o mesmo Alcobaca por debaixo do chapeo alto. Estava muito magro, queixando-se do intestinal, e que morria breve. Dei-lhe a sua moeda que elle julgava perdida, porque nem se quer se lembava do meu nome para me fazer citar.

Elle ahi vai agora no infeliz exercicio da sua perfida missão; e eu confirmarei as suspeitas do Sr. padre Casimiro, depois desvanecidas, por um sentimento sublime de caridade com a miseria de um seu correligionario, ou provavelmente para ensaboar essa nodoa do seupartido.

Quando o padre se preparava para dar um assalto a Barroso e fazer presa em um conto de reis e mais trinta moedas com mais alguns miudos e grande quantidade de pão embargado para os cabraes, appareceu em Vieira José Maria de Souza, o Canêta, muito alegre e com muito dinheiro. Deu grande ceia aos officiaes, pagou as dividas nas tavernas e distribuiu um pinto por cada praça. Não approvou a surtida a Barroso, allegando abundancia de dinheiro, e arbitrou, como *agente d'el-rei* e commandante das forças, que sahisses a dar novamente os «vivas» a D. Miguel em Guimaraens. O padre cedeu-lhe o bastão de general, porque o seu maior empenho era vencer-se a causa. Perto de Guimaraens, o general Canêta a beberouas massas em aguardente, afim de escorraçar da cidade a tropa que lá estivesse Ora a tropa que lá estava eram 800 praças de infantaria, cavallaria e lanceiros. Veio este aviso de dentro, e padre Casimiro, pouco disciplinado, fugio com a sua gente; e se não transpõe a serra do Carvalho, de noite, era agarrado pela tropa que já se movia em Guimaraens. Aqui, fahou o plano do traidor. Ao outro dia,—nova cillada—foram de subito atacados pelos sirzinos: estiveram perdidos. Canêta quiz que almoçassem as forças a pequena distancia do inimigo. A resistencia do padre e a velocidade da fuga salvou-o. Seguiram-se outras embuscadas. Padre Casimiro dá miuda noticia e conclue que eram mais que *sufficientes para o reputar traidor que queria a todo custo dar cabo de mim*. Porém, não desconfiava porque o *homem não tinha cara de traidor*; mas á cautella, abandonou-o com o seu batalhão; e o general Canêta, ao ver-se sem gente, e perdida a esperança de dar boa conta de si á junta, *cahio d'umas escadas abaixo com um desmaio e ficou sempre muito mal*, diz o Sr. padre Casimiro. Esta syncope e queda pelas escadas revellam talvez o bom fundo do homem, uma dilacerante colica de consciencia. Cahio simplesmente pelas escadas, por que a victima da sua perfidia não chegára a ser immolada; mas, se o padre

calhisse atravessado em alguma das armadilhas, Can'ta enforcava-se tão certo como Judas se enforcou. O certo é que o malogrado traidor nunca mais teve saúde, e morreu pobrememente, seis annos depois, em 1853. »

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

Pedimos a attenção dos leitores para o artigo *Politica e politicos* do nosso estimado collega Luiz Murat, por nos parecer que elle soube ferir a magna questão social da actualidade, com extraordinaria precisão synthetica e grande alcance critico.

Escusado é explicar que sendo Luiz Murat, redactor d'esta folha, o artigo, embora assignado por elle, representa as idéas d'A *Semana*.

POLITICA E POLITICOS

A camara nada fez ainda relativamente á questão do elemento servil.

Dissidentes e conservadores colligam-se de modo a impedirem a discussão do projecto—Dantas.

A curiosidade publica augmenta de dia em dia e toda a imprensa estygmatiza com mais ou menos violencia a attitudde assumida por uma facção politica que tem procurado torcer a marcha natural dos factos sociaes, antepondo ao interesse colectivo o interesse individual.

Ah! esses politicos não comprehendem a gravidade da situação que estão preparando.

Elles não comprehendem as consequências que podem advir d'este estado de cousas; não comprehendem que a reacção é sempre igual á acção, que toda reforma requer um leito desaccidentado para desenvolver-se, integrar-se, adaptar-se, generalisar-se.

Como obstar á realisação de uma reforma que emerge naturalmente de um conjunto de leis organicas que tem por si uma ampla solidariedade historica, um estimulo que em toda parte age e reage de um modo definitivo e geral?

Como protrahir o advento effectivo de uma idéa que constitue por assim dizer o proprio organismo da nação?

A oligarchia negreira quer sem duvida mudar o rumo dado ao movimento politico pelo coherente impulso do gabinete de 6 de Junho.

Coagir uma idéa a permanecer n'um espaço limitado demais, para que ella possa alargar-se em todas as direcções, coordenando todos os seus movimentos segundo uma energia uniforme e continua de todas as suas partes, é substituir o facto positivo em politica por uma concepção falsa das cousas; é plantar a anarchia.

O Sr. conselheiro Dantas prefere morrer gloriosamente a concorrer para o desmembramento do seu paiz.

Todo o povo brasileiro está prompto a exclamar com Desmoulins: *Il ne peut plus m'arriver qu'un malheur, c'est celui de voir ma patrie continuer esclave.*

Assim como em medicina o medico póde caracterisar a molestia segundo o cortejo pathognomonicos dos symptomas que apresenta o doente, assim também quem não poderá em politica (a não serem os Srs. Andrade Figueira e Paulino) caracterisar a enfermidade d'este povo e deduzir logicamente não só a marcha da molestia, mas ainda todos os seus effectos? Só pategos da laia dos dissidentes e dos conservadores poderão pensar que os negocios publicos entre nós correm ás mil maravilhas.

A opposição não acceta o debate do projecto; só faz numero para tratar de eleições.

o Sr. Dr. A. Caminha, abolicionista, eleito pelos abolicionistas do Ceará, nega o seu voto ao Sr. Dr. Joaquim Nabuco.

Adherindo varias vezes á opinião do illustre abolicionista pernambucano, agora recusa-lhe o seu voto, talvez por imposição dos seus chefes, dando a entender assim que a camara reconhecerá deputado o Sr. Dr. Portella em vez do Sr. Dr. Nabuco.

O Sr. senador Silveira Martins depois de apoiar o gabinete, investe contra elle, tropejando a sua rethorica bombastica e atordoante e ferindo a dignidade collectiva da imprensa, porque esta ainda não desceu a discutir os seus erros politicos, e a falta de criterio peculiares a todo homem, como S. Ex.: muito fequendo em *bombas*, nas muito esteril em ideas.

Muito superficial, muito superficial o Sr. senador Silveira Martins.

O acto praticado por S. Ex. só prova quanto é pouco criterioso o velho senador pelo Rio Grande do Sul.

Pouco orientado em questões politicas, como em questões sociaes, vendo sómente o que vê a maioria dos nossos estadistas, isto é: o resultado proximo dos phenomenos, destituído de tino para concretar o abstracto e apanhar a força potencial de onde dimanam os factos que preoccupam todos os espiritos intelligentes no momento actual, S. Ex. desconhecendo ainda que vivemos em uma época toda scientifica e toda logica, pensa que nos ha-de confundir e convencencer com as suas anomalias e com a sua verbiagem quasi a roçar pela loucura.

Não será a sua rethorica que nos ha-de fulminar, a nós, a imprensa.—o factor dynamic, que, interpretando os factos que vagamente fluctuam na consciencia publica, damos-lhe uma certa homogeneidade, uma certa força, um certo caracter positivo, reavivando-os á luz dos novos principios, coordenando-os para transformal-os n'um estimulo poderoso, consciente e solidario, affirm de que elles possam aclar uma perfeita adaptação nas fluctuações transitorias do caracter e da mentalidade popular.

Nunca movimento nenhum (de qualquer natureza que elle seja) dependeu da acção exclusiva de uma individualidade.

São explicitas estas palavras do Sr. Lafite:

« Grande homem é aquelle que resolve um problema importante proposto pela serie dos antecedentes historicos.

A este respeito nota um escriptor illustre «que os problemas mais importantes são effectivamente as transições de uma para outra época que os antecedentes sociaes impoem, e que a incerteza do futuro demora, prolongando o mau estar do presente.

A questão do elemento servil, desde que seja resolvida, rasgará horisontes mais amplos ao desenvolvimento economico e social do paiz. Entraremos n'uma outra época, n'um periodo de prosperidade, de livre concurrencia, de solidariedade.

Portanto, são grandes e devem por isso merecer adhesão da opinião publica, todos aquelles que souberam impôr ao arbitrio irresponsavel do chefe temporal o regimen das ideas, em vez do prestigio das ficções.

A imprensa eabe o primeiro logar na solução do magno problema da libertação dos escravos, porque ella soube comprehendder a tendencia do espirito publico, e uniformisando-a, dar-lhe um caracter effectivo.

E assim como conta Segur (*Memoires*) —o qual na época da revolução franceza estava em S. Petersburgo, — que francezes, russos, inglezes, dinamarquezes, allemaes, holandezes, todos, nas ruas, felicitavam-se, abraçavam-se, pelo facto da tomada da Bastilha, *comme si on les eût delivres d'une chaîne trop lourde*

qui pesait sur eux, da mesma maneira todo o mundo civilisado exprimirá o seu entusiasmo e o seu regosijo, quando souber da queda desta outra Bastilha,—a Escravidão; como se elle se libertasse do ultimo elo ignominioso que prende a humanidade presente á humanidade passada.

LUIZ MURAT

VENTURA

Feliz de quem sorrindo e amando gosa
Blandicias, beijos da mulher amada
E ouve-lhe a terua voz edulcora la
Cheia de affagos, tremula, saudosa!

O amor quer outro amor; é como a rosa
Que mais linda se torua e perfumada
Se o fresco orvalho argenteo da alvorada
Afresca-lhe a corolla setinosa.

Quer sentir, quer ouvir, puro, a seu lado
Um outro coração bater contente,
O coração que bate apaixonado.

Almas que se amam vivem docemente,
Sim, pois quem ama deve ser amado,
Já que um amor quer outro amor sómente!

ALFREDO DE SOUZA.

GAZETILHA LITTERARIA

Camillo Castello Branco, o mais illustre vulto da litteratura portugueza contemporanea, está preparando as seguintes obras:

Palmira Cotta, romance a seguir ao estudo historico *Maria da Fonte: Pendor de Mãe, o Dr. de Galdes e Os Palacios Vermelhos*, romances.

Os Brocas, romance tão annunciado já, e ansiosamente esperado, só apparecerá mais tarde.

*

*

Em Outubro deste anno, o mais tardar, será posto á venda pelo conhecido editor Costa Santos, do Porto, um livro de Monteiro Ramalho:—*Historias da Montanha*.

*

*

Os admiraveis artigos publicados pelo Sr. Ramalho Ortigão na *Gazeta de Noticias*, sob o titulo:—*A Hollanda*—devem apparecer este anno em volume, aqui em edicção commum da *Gazeta*, e em Lisboa—edicção de luxo.

*

*

Aelia-se publicado o primeiro fasciculo das *Obras classicas do padre Antonio Vieira*, edicção da *Empreza Litteraria Fluminense*.

*

*

Está sendo impresso nas officinas do *Diario de Santos* um livro de versos do distincto academico de S. Paulo Vicente de Carvalho. Intitula-se *Ardentias*.

*

*

Luiz Delfino, o nosso grande poeta, acaba de escrever uma poesia admiravel, 46 sextilhas sobre o grande assumpto da epocha—a escravidão. *A Semana* espera poder publical-a em um dos seus proximos numeros.

*

*

Foi hontem posto á venda na livraria editora do Sr. Garnier o *Parnaso brasileiro* — (seculo XVI—XIX, 1556—1880) pelo Dr. Mello Moraes Filho. Esta obra está seguramente destinada a produzir grande ruido no nosso pequenino mundo litterario; isto quer dizer que o ruido será grande em relação ao mundo em que se produz. Unicamente.

Galeria jornalística

CHRISPINIANO

(da Folha Nova).

Sexo masculino.
Isto é—neutro.
Come.
Bebe.
Anda.
Guarda-livros.
Isto é—jornalista.
E' a tal cousa.....
Vejam só....
Não é tolo.
Nem intelligente.
Nem mediocre.
Nem malvado.
Nem bomzinho.
Nem espirituoso.
Nem lorpa.
Nem nada.
Gajo de força !
Ai! mana!

ZECA

CANCIONEIRO DOS CIGANOS

O Dr. Mello Moraes Filho acaba de publicar, com o titulo *Cancioneiro dos ciganos* uma preciosa collecção de quadrinhas populares desta raça nomade.

Este livro representa um grande esforço e um enorme trabalho. Quem conhece o character desconfiado dos ciganos, a pouca confiança que elles têm em quem não é da sua raça, e a maneira mysteriosa e tenaz como elles occultam a sua vida e o seu lar, poderá calcular a somma de finura, de perspicacia e de tenacidade que teve que vencer o Dr. Mello Moraes (para penetrar naquelles sombrios antros da cidade nova, ganhá-lhes a confiança, obrigar-os a recitar os versos e a contar as lendas, as pragas, os exconjurios e as ceremonias.

E' um bom e real serviço prestado á litteratura nacional e uma valiosa contribuição para o estudo d'aquella raça, cuja historia e cujos costumes são tão pouco conhecidos.

Transcreveremos algumas d'essas trovas tão cheias de poesia, tão repassadas de tristeza, de uma feição tão poeticamente lugubre, e ao mesmo tempo tão sentenciosas, tão philosophicas da negra philosophia fatalista e melancolica do desespero de uma raça batida por todos os vendavaes da desgraça, e que não encontra nas suas tradições nem no seu animo força para reagir, alma para lutar, vontade para engrandecer-se.

São, pois, do *Cancioneiro dos ciganos* as bellissimas quadrinhas que o leitor encontra hoje espalhadas pelas columnas d'*A Semana*.

DE PORTUGAL

recebemos os seguintes livros:

— « A Familia, » trabalho de sociologia, por Teixeira Bastos; remetido pelo auctor.

— « Contos populares do Brazil, » por Sylvio Romero, com uma introdução de Theophilo Braga; enviado pelo editor, Carrilho Videira.

— « Revista dos estudos livres, » remessa do mesmo editor.

— « A Jurity, » scenas do Rio de Janeiro — romance original, por Alfredo Campos; remessa do editor Eduardo da Costa Santos.

Agradecendo aos amáveis offerentes a distincção da offerta, que tanto nos

honra, promettemos occupar-nos devidamente de todas estas obras á proporção que o limitado espaço de que podemos dispôr nos facultar o cumprimento d'este grato dever.

Pr'a não completar-se o goso,
Fôra melhor não gosar;
Que o prazer dado ás parcelas
Não se pôde apreciar.

BOLOS

No seu n. 15, de 11 do corrente, propoz a *Semana* a seguinte questão litteraria: decidir-se, por meio de um suffragio livre, qual é o maior poeta do Brazil. E promettia dar no fim de trez mezes o retrato do mais votado.

Pois, senhores, tanto bastou para que o *Diario Portuguez* propuzesse, dias depois, questão semelhante aos seus leitores; promettendo tambem, desde que tivesse um certo numero de votos, dar o retrato dos mais votados, visto que lá são dois os poetas a suffragar.

Que nós façamos d'essas macaqueações, nós que somos *di cá*, como diz o Camillo, ainda se comprehende; mas que as faça o *Diario Portuguez*, que é *d'lá*, é que não podemos entender.

Se esta cousa de ideas de expelientes de ruido, fosse propriedade de algem, nós estaríamos aqui apitando como se fossemos ex-urbanos; mas as leis são em muitos casos como o conselheiro Saraiva—não cogitam; portanto, não temos remedio senão deixarmos-nos estar expostos á ex poliação de collegas pouco escrupulosos e menos delicados.

Todavia, se se nos permite uma expansão, sempre diremos á gente limpa e honesta do *Diario Portuguez* que bem sabemos porque foi feita a nefanda traição. O respeito que nos devemos a nós mesmos e o que tambem devemos aos poucos cavalheiros nossos amigos da folha luzitana, impede-nos de escrever n'estas columnas honradas o nome do sevandija que, abusando da boa fé dos que por não o conhecer o toleram, inspira e promove sempre que lhe é possível estas ligeiras e insignificantes desavenças entre collegas.

Objectar-se-nos-ha que a idéa da nossa questão litteraria não é original nem é nova. De accordo. Sabemos que ella partiu ainda ha pouco de um jornal inglez, e que no anno passado foi idéa semelhante apresentada por um jornal de Coimbra.

Podemos, porém, contestar, observando, que nenhum d'esses jornaes teve o desprazer e o nojo de ver na mesma terra e ao mesmo tempo outro collega aproveitar-se traçoeiramente da sua proposta para estabelecer outra no mesmo sentido, com ligeiras variantes, como no caso presente fez com *A Semana* o *Diario Portuguez*.

Nós não damos o cavaco, como se costuma dizer; mas achamos (dioso que uma folha que, para o fim alludido, tem sobre nós a vantagem de ser diaria, queira servir-se dos nossos esforços macaqueando-nos servilmente. O facto repugna-nos, mas não nos revolta; mesmo porque o lado sympathico da questão é incontestavelmente o nosso, desde que fômos os primeiros a fazer a proposta.

Fazemos estas observações ligeiras, com o fim de prevenir a boa e decente rapaziada do *Diario Portuguez* de que tem na sua companhia alguém que lhe suggere máos pensamentos ou que pratica actos que nenhum homem honesto pôde auctorisar com sciencia e consciencia.

Que diabo! Sr. Pinheiro, Sr. Pestana, ainda ha *colas* para os cães.

E' preciso que o actual *Diario Portuguez* não seja o que têm sido no Rio de Janeiro todos os jornaes da sua nacionalidade—ursa sucia de sucios.

Agora algumas reflexões christãs á critica theatral da nossa bemaventurada imprensa, critica que o incomparavel e immensuravel *Quidam* genuinamente representa.

A's monstruosidades que disse da *Dionysia*, juntou a imprensa fluminense as mais bizarras e estranhas apreciações do desempenho dado á deliciosa comedia pela companhia do Recreio Dramatico. Não as respigaremos todas; limitar-nos-hemos a notar o que se escreveu acerca do actor Maggioli, a quem, incontestavelmente, e sem offensa ou menospreso pelos outros artistas, cabe o *successo* do desempenho da *Dionysia*:

— O *Jornal do Commercio* nem se dignou escrever o nome do estimavel e distincto actor, na sua gazetilha de sabbado.

A *Gazeta de Noticias*, comquanto lhe faça elogios, cita o seu nome em quinto lugar.

— O *Paiz* cita o actor Maggioli em terceiro lugar e diz que a peça teve brilhante desempenho.

— A *Gazeta da Tarde*, corôa esta obra de justiça e de equidade critica, dando o nome de Maggioli em ultimo lugar, depois de citar todos os outros, e ainda assim com as seguintes textuaes palavras:—O proprio Sr. MAGGIOLI, na scena em que sabe do crime de sua filha arrancou lagrimas e recebeu palmas.

O proprio Sr. Maggioli, tratando de um artista de merecimento e um dos primeiros da companhia, se não revelasse animadversão ou curteza de vista —teria graça.

Ora aqui tem a America pasmada como se faz critica theatral no seu mais bello e mais deslumbrante pedaço de terra. E se lhe dissermos que ainda a critica do Bertoldinho Quidam não appareceu, pois que elle na quinta-feira fez *gazeta* no *journal*, que a America se revista de coragem para resistir aos embates da imbecilidade de letra fôrma!

CHICO FÉRULA.

Nasci livre, mas escravo
De teus favores me fiz;
D'um senhor tão generoso
Ser escravo é ser feliz.

QUESTÃO LITTERARIA (*)

Qual o maior poeta do Brazil? (1)

Sobem ao numero de 35 as respostas, até hoje recebidas por nós.

Continuamos a publical-as:

« GONÇALVES DIAS — Menezes (Barra-Mansa).

« ALVARES DE AZEVEDO — Amilcar Ferreira Soares (Côrte).

« CASTRO ALVES — W. Montmorency (Campinas).

« G. DIAS — R. Lahmeyer (Côrte).

« FAGUNDES VARELLA — Heitor Murat (Côrte).

« LUIZ DELFINO — Souza Leite (Côrte).

« CASTRO ALVES — Urbano Montenegro (Côrte).

« L. GUIMARÃES JUNIOR — Cintra Junior (Côrte).

« G. DIAS — Carlos Guimarães (Côrte).

Vide ns. 15 e 16 d'*A Semana*.

- « G. DIAS—Americo Guimarães (Côrte).
 « G. DIAS—C. Lins da Rocha (Côrte).
 « G. DIAS—Oscar Verney (Côrte).
 « L. GUIMARÃES JUNIOR—Manoel Francisco Corrêa (Côrte).
 « G. DIAS—Braulio Junior (Côrte).
 « G. DIAS—Octavio Mendes (Campinas).
 « C. ALVES—A. Teixeira (S. Paulo).
 « G. DIAS—Polybio Garcia (Côrte).
 « C. ALVES—Eng. Wonsuit (Côrte).
 « G. DIAS—Carlos da Costa Soares (Côrte).
 « G. DIAS—Carlos Cordeiro (Côrte).
 « C. ALVES—José de S. Pinho (Côrte).
 « L. DELFINO—João Fernandes (Côrte).
 « G. DIAS—Honorio Pinto (Côrte).
 « C. ALVES—Aug. Gonçalves (Côrte).
 « G. DIAS—Dr. Lycurgo (S. Paulo).
 « ALVARES DE AZEVEDO—Benjamin F. Silveira da Motta (S. Paulo).
 « C. ALVES—Mario Alves de Moraes (Santos).
 « C. ALVES—Arthur de Andrade (Santos).

RESULTADO:

G. Dias.....	14
C. Alves.....	10
L. Delfino.....	3
L. Guimarães Junior...	2
Alvares de Azevedo....	2
F. Varella.....	1
Gonzaga.....	1
Domingos de Magalhães	1
Pedro Luiz.....	1

Não contamos nem publicamos os votos assignados por pseudonymos ou simples iniciaes, ou vierem redigidos sem seriedade. Destes poucos temos recebido, mas muito daquelles.

Eis a razão porque não consideramos os votos de *E de A, Uma paulista, J. S.* (de S. Paulo) e outros.

Publicamos em seguida alguns votos fundamentados :

« Tenho lido varias vezes assombrosas producções de Luiz Delfino, o poeta que ao meu ver, assoma á frente da grande phalange de vates brasileiros finados e por finarem-se.

A Solemnia Verba, A Italia, A Filha de Africa, Tantalos, Fornarina e mais alguns verdadeiros poemas de grande folego e ricos de inspiração, seriam sufficientes para dar prova exuberantes do grande merito de Luiz Delfino.

E' justo que pensem todos como eu, attendendo não só á fecundidade, á originalidade e á inspiração do poeta, como ao progresso da poesia que no Brazil tende a ser notado com a appareção de homens como esse, que não de vir successivamente. Oxalá que assim seja e que todos saibam comprehendel-os e admiral-os.

Não deixaremos de render o devido culto aos grandes poetas do passado como Gonçalves Dias, Castro Alves, Alvares de Azevedo, Cazimiro de Abreu, Laurindo Rebello, Fagundes Varella e outros, elevando Luiz Delfino acima delles; porque aquelles, se nos deram boas obras que ainda lemos e que sempre havemos de ler, dispensando-lhes o seu justo valor litterario, foi n'uma época em que á poesia eram dispenados os primeiros carinhos no berço que lhe doua a nossa patria.

A poesia vai ascendendo agora no Brazil a escada da existencia, e quem a conduz n'essa sublime ascensão ?

Luiz Delfino.

E' elle, portanto, declaro-o á illustrada redacção d'*A Semana*, que tem o meu voto para occupar o principal logar entre os poetas brasileiros. Arthur Mendes.»

QUAL O MAIOR POETA DO BRAZIL ?

Esta interessante questão, pela fórma porque a propoz a illustrada redacção d'*A Semana*, não dá logar a muitas divagações:—apontar um nome é julgal-o com todos esses predicados que formam um grande poeta. Comtudo, para justificar a minha opinião, direi que os encontro em profusão no arrojado poeta dos—*Voluntarios da Morte*, esse rugido de leão, como lhe chamou um dos maiores poetas portuguezes, o visconde de Castillio.

Aquelles primorosos versos da *Terribilis Dea*, que são os mais conhecidos de Pedro Luiz, bastariam para fazer a reputação de um grande poeta.

Juntemos agora a esses dous cantos leoninos—*Nunes Machado, Pedro Ivo, Covarde!, Tiradentes, Graziella, O lago, Lagrimas do passado, O leque, O relógio*, e outras bellas poesias ineditas, e poderemos com justiça reclamar para o auctor d'esse volume o primeiro logar entre os poetas brasileiros.

Barra Mansa, 15 de Abril de 1885.—*Daniel de Faro.* »

« Illm. Sr. Director da *Semana*. O maior poeta brasileiro foi, e será por muitos annos o sempre lembrado Castro Alves, o melhor discipulo de Victor Hugo que temos tido. A sua musa reúne todos os predicados dos grandes poetas:—audacia de imaginação, immenso sentimento, idéas, grandiosas intenções em prol da Humanidade, muita elegancia artistica, perfeita harmonia, decidido amor á gloria.

Como poeta foi um perfeito reformador, e fundou uma escola.

E' o que pensa o—De V. S. Att' ad' e am. obr.—*Carlos Ferreira*.—Campinas, 14 de Abril de 1885. »

« Illm. Sr. Redactor.—Respondendo á pergunta que formulou em a « questão litteraria » dir-lhe-hei:—Alvares de Azevedo.

Não sou muito conhecedor, por falta de tempo e estudo, para de prompto afirmar esta minha resposta.

Ella é o resultado da comparação que estabeleci entre varias apreciações e juizes criticos que têm sido feitos sobre varios auctores.

Para mim este nome—Alvares de Azevedo—designa o de um genio!!

Ninguém, e em tão pouco tempo, fez mais do que elle.—Sou de V. S. Att' ven'.—*Amilcar Ferreira Soares.* »

Quem quizer crear amores,
 Pr'a ninguém desconflar.
 Quando olhar não deve rir.
 Quando rir não deve olhar.

A proposito de Guerra Junqueiro & Comp.

Sob este titulo escreveu-nos um anonymo o seguinte, cuja veracidade não garantimos, mas que publicamos por ser curioso :

« Em 187...estava eu almoçando no hotel Francfort, no Porto quando entrou na sala Monsenhor Pinto de Campos, em companhia de um homem de physionomia adoentada. Tomaram assento em frente de mim, e como nos reconhecemos eu e o monsenhor, que conhecera no Rio, entramos em conversação.

Que vinha de Jerusalem; que visitara os lugares sanctos; que etc. etc. Que para cumulo de felicidade tinha visitado o sanctuario do Bom Jesus de Braga, donde chegara naquella manhã, e que allí celebrara a missa, tendo por acolyto o seu amigo—aponta do o companheiro

que lhe estava á direita—o seu amigo o Sr. Camillo Castello Branco...

Ao ouvir isto, fixei a vista neste, que eu não conhecia, esperando ver nos seus labios perpassar algum sorriso, mas elle continuou impassivel a mastigar a sua costelleta vagarosamente, como quem está com fastio.

Levantei-me, e quando cheguei ao meu aposento, apertei as ilhargas com ambas as mãos e dei-me desopprimir-se com gargalhadas o peito ollegante. Depois, pondo os olhos no tecto, exclamei: « O Pai do ceu! Uma missa resada por monsenhor Pinto de Campos, tendo por acolyto Camillo Castello Branco!... »

Seriam elles capazes de, a sós, olhar um para outro sem rir? Quem o sabe?

Que o facto e real assevero-lhe e pode mandar perguntar ao Camillo.

E eis ahí um bello thema para um quadro que faça *pendant* com o do Junqueiro. »

Ha quem seja ré de morte
 Sem consciencia de o ser;
 Digam, se podem, teus olhos,
 Se não nos fazem morrer.

POESIA E POETAS

Trouxeram-nos certo pezar as poesias que, sob o titulo de *Eclecticas*, enviou-nos do Recife o Sr. Mariano Augusto. Não que o poeta vibrasse o sacro instrumento das Musas em lagrimejados raptos de um sentimentalismo doloroso e tristissimo. Não, e fóra talvez melhor. Desacostumamo-nos, a pouco e pouco, e por tal maneira das voluntarias torrentes de echoro, que dimauavam das cinzas do Parnaso nacional, que já hoje seria so-fregamente lido, por original e exquisito, o que se lembrasse de abeberar as suas estrophes nos *prantos d'alma*, embora o verso se desmanchasse diluido n'aquelle caldo intimo de soffrimentos.

Têm razão certos iconoclastas da Poesia moderna.

O Sr. Mariano Augusto não vae, porém, com os novos reaccionarios... Canta ainda pela clangorosa trombeta com que, de certos annos a esta parte, puzeram-se alguns poetas a soprar aos ouvidos do Seculo os seus nomes queridos de Sciencia, Liberdade, Razão, Justiça, etc., com um estardalhaço, que daria vontade, se fosse possivel, de a gente se transplantar d'aqui a um outro seculo, passado ou futuro, menos barulhento e agitado.

Mas em que nos deram pezar as *Eclecticas*?

N'isto exactamente. No compasso com que o poeta acompanha o estrepitoso dos que invejam e imitam a Guerra Junqueiro, emulando-o elle proprio em mais de uma passagem da *Morte de D. João*; por sua fraldosa adjectivação, emphatica ás vezes e sempre monotona pela pausa quasi invariavel que traz ao verso; por sua pouca segurança de estylo devida á impressões de leitura, de que difficilmente se conseguirá libertar.

Cresee a nossa magna com o vermos que ha no Sr. Mariano Augusto um verdadeiro temperamento litterario, mas assim, desorientado, perdido n'essa corrente que a muitos leva, apartados de si mesmos, á subordinação, á servilidade a outrem que os impressiona, e cujo sentir vão copiar, bem raros ainda com a felicidade de emprestar-lhe uma fórma que o disfarce devidamente.

Não é lisonja, para de algum modo adoçar ao que muito de justiça cremos ter affirmado,—a phrase que puzemos acima, dizendo que ha no auctor das *Eclecticas* uma verdadeira complexão de escriptor. Verdadeira mas transviada. Sente-se em seu livro a verdade das

nossas palavras: corta-o, por vezes, certo sopro de inspiração, acanhada, embora, da oppressão exterior que a domina; instantes ha em que o sentimento parece fallar a linguagem propria; então transluz no verso um quê, revellando alguma cousa que ainda se não havia notado; mas é um accidente,—desappareceu ao virar a pagina. Esse quê, é o proprio poeta, é a sua alma enredada em versos que ella não fez, que a embaraçam, que a opprimem, e acabarão de matal-a, como um vestido que não foi feito para enrajal-a, e que a suffoca por demais apertado.

Liberte-a o escriptor, se a tanto chega o seu esforço, e será mais do que Hercules: terá espedaçado a trama da tunica que o inutilisa e devora.

D. Ruy.

Responso da « Folha Sóva »

I

Que patusca, a *Folha Sóva!*
E' a tal cousa... Já se vê!
Ai, minha! o que ella desova!
Que patusca, a *Folha Sóva!*
Ora se... se cava a cova,
Que a sóva a cova lhe dê...
Que patusca, a *Folha Sóva!*
E' a tal cousa... Já se vê!

II

Em portuguez berry berra,
Bale o carneiro em francez;
Contra as cousas d'esta terra
Em portuguez berry berra.
Mas o que sae nos atterra:
Nem francez nem portuguez!
Em portuguez berry berra,
Bale o carneiro em francez.

III

Pederneiras na cabeça
Tem o doutor, pederneiras!
Ou tem cousa que pareça
Pederneiras na cabeça.
Não ha mal que lhe aconteça,
Que está forrado de asneiras.
Pederneiras na cabeça
Tem o doutor, pederneiras!

ALFINETE.

THEATROS

LUCINDA

Deu-se quarta-feira n'este theatro a primeira representação da *Helena*, comedia em 5 actos, de Pinheiro Chagas.

A comedia é já conhecida antiga do nosso publico, o que nos dispensa agradavelmente de fazermos apreciação do seu merito como obra litteraria e como obra dramatica.

Todos sabem que *Helena* é uma comedia toda puxada á sustancia dos moldes francezes, e que tem sobretudo o defeito de oscillar entre *Magdalena* e *A Morgadinha de Val-Aôr*, do mesmo ministro da marinha do actual ministerio portuguez. Rhetorica, rhetorica e rhetorica, como todas as peças de Pinheiro Chagas.

Tudo muito falso, mas muito bonito, muito polido, muito brilhante, como as joias allemans.

A peça foi em beneficio do consciencioso e estimado actor Muniz, director da companhia da Sra. Apollonia

O desempenho... Muniz deu uma boa feição comica ao papel de barão e Apollonia, adoentada e rouca, não poude tirar todo o partido do seu bello papel, que entretanto, se vê que é dos que ella pôde fazer mellhor.

Nada diremos do Sr. Ferreira, que appareceu com suissas posticas e convenção... Oh! muita convenção principal-

mente. Tambem um papel todo romantico, todo declamatorio, todo plirazes—só assim.

A empresa inaugura hoje os seus trabalhos no Principe Imperial, com *Os Filhos do Capitão Grant*, dando em seguida o grande drama *As Noites da India*, que ha annos foi representado com grande successo no theatro S. Pedro.

A companhia do Recreio Dramatico continúa com a esplendida *Dionysia*, e já marcou para o dia 20 do mez proximo a primeira do sumptuoso drama tragico em 3 actos em verso, de Echegaray—*No seio da morte*.

A traducção é dos mesmos traductores do *Gran Galeoto*: Valentim Magalhães e Filinto d'Almeida. A primeira d'esta peça é em beneficio do actor Dias Braga.

Deve chegar amanhã a companhia Furtado Coelho, que dará uma pequena serie de espectaculos no Lucinda.

Estréa com a *Dionysia*.

Inauguram-se brevemente, no Polytheama, os trabalhos da empresa da actriz Fanny, com a apparatusa magica em 16 quadros, do actor Primo da Costa—*O Genio do Fogo*. Já publicámos o elenco da companhia, que foi agora accrescentado com a Sra. Luiza Leonardo, conhecida pianista, que resolveu fazer-se actriz.

O Sant'Anna ensaia *A Ave do Paraiso*, e vai dando a *Cocota* de vez em quando e o *Casamento Singular* de quando em vez.

Annuncia-se a proxima chegada de uma companhia portugueza de opera comica, organizada em Portugal pela Sra. Irene Manzoni. Estão expostas na casa Castellões, photographias de varios artistas.

Diz-se tambem que Silva Pereira trará brevemente ao Rio de Janeiro a excellente companhia dramatica do theatro D. Maria, de Lisboa. Ha n'essa companhia artistas de grande merecimento, como os irmãos Rosa, Antonio Pedro, Virginia e outros. Dizem-nos que Brazão e Rosa Damasceno não vêm; não acreditamos.

Deve estréar no theatro S. Pedro de Alcantara, agora todo secio, com pinturas, esculpturas e decorações novas.

Tambem se diz que chegarão duas companhias italianas, uma de opera lyrica e outra dramatica.

Vamos, pois, ter um um grande movimento theatral.
Bem bom!

Mattos, Malta ou Matta?

ROMANCE AO CORRER DA PENNA

XIII

Como principiava a fechar-se a noite, não perdi tempo, disse ao *cara de gato* que me esperasse um instante e lancei-me de carreira para o andar de baixo.

Entrava-se no grande cortiço por um largo portão quadrado, em cuja parte superior havia uma lanterna ennegrecida de fumo e coberta de pó.

A' direita e a esquerda um correr de casinhas conduziam a um coradouro, cheio de gamellas e giraos de madeira, sobre os quaes viam-se algumas peças de roupa, estendidas ou enrodilhadas.

Uma mulher de enormes ancas, a saia apanhada nos rins, a cabeça em um lenço de alcobaça, os pés á vontade em um grande par de tamancos, os braços arremangados até as axilas, retirava de uma corda, suspensa em toda a extensão da estalagem, a roupa que levára a secar durante o dia.

A' proporção que ella ia recolhendo a roupa, lançava-a n'um vasto cesto de vime, que tinha ao seu lado.

— O' bôa mulherzinha, disse-lhe eu,—vocemecê da-me licença que eu tire alli d'aquella tina um papel que me cahiu lá de cima?

— Pois não, senhor meu genro! respondeu ella, voltando-se para mim.

— Minha sogra!...

— Em carne e osso!

— A senhora n'um cortiço?..

— E' verdade! E que ha n'isso de extraordinario? Antes lavar que pedir!

— Sim, mas podia lavar na sua propria casa, como fazia d'antes, e não vir metter-se aqui, n'uma estalagem, n'um logar onde se reune o que ha de peor no Rio de Janeiro.

— Ora! deixe-se de basofias! Faltou-me agoa em casa e não convinha perder a freguezia. Assim, disse eu comigo: Pago um cruzado por dia á Marquinhas Pêpê e lavo na estalagem della a minha roupa.

— E desde quando está lavando aqui?

— Ha poucos dias; desde que fallei pela primeira vez ao compadre Quintino. Mas, você não disse que vinha buscar um papel que lhe cahio das mãos? E' bom ir buscal-o antes que elle se extravie.

— Tem razão, disse eu, indo buscar a carta.

E, ao voltar para junto de minha sogra, perguntei-lhe:

— Sabe o que me trouxe a esta casa?

— Diga.

— Vim a procura de minha mulher.

De minha filha?

— E' verdade.

— E encontrou-a?

— Ainda não sei, es'a carta é que vai decidir.

— Pois não volte lá, que perde o seu tempo.

— Como? Explique-se.

— Já lhe disse o que tinha a dizer. Não vá, que perde o seu tempo. Se quizer encontrar Margarida, espere um pouco por mim. Deixe-me recolher esta roupa e podemos ir juntos.

— Ao logar onde ella está?

— Sim senhor. Eu me comprometto a restituil-a. E, olhe, o que lhe affianço é que ella vai para as suas mãos tão pura ou mais do que quando fugio de casa.

— Calculo!

— Calculo, não, coitadinha! Que ella não commetteu a menor falta; apenas foi victima de uma trapalhada, da qual o senhor é o unico culpado.

— Hom'essa agora é melhor! Pois ainda em cima sou eu que levo a culpa?

— Com certeza, mas deixe-me acabar com isto, que já lhe dou trela.

D'ahi a meia hora sahia eu da estalagem com minha sogra, que acabava de se preparar para isso.

Ella chamou um carregador de sua confiança, ordenou-lhe que levasse o cesto de roupa para o Campo de Sant'Anna, e, atirando um chale sobre os hombros, segredou-me ao ouvido:

— Antes de tudo, vamos procurar meu compadre.

— Onde o vamos procurar?

— Na rua do Ouvidor.

Na redacção do *Paiz*?

Ai, ai!

A idéa de entrar na redacção do *Paiz* ao lado de minha sogra pareceu-me a mais ridícula do mundo, mas não havia que hesitar: a mulher promettera restituir-me a filha e isto era todo o meu empenho.

Ao chegarmos ao escriptorio da folha, ia perguntar a um moço loiro que estava ao balcão, se era possível fallar ao Sr. Quintino, quando minha sogra me puxou pelo braço e exclamou:

— Não esteja a perder tempo! Quando se quer fallar com alguém vai-se logo subindo!

E, antes que eu a detivesse, já o demónio da velha galgava as escadas e, com um desembaraço dos diabos, levantava pouco depois o reposteiro da sala privada da redacção, gritando para dentro:

— O compadre dá licença?

— Entre, respondeu o redactor em chefe da folha.

Ella não esperou segunda ordem e ganhou a sala, exclamando para mim, que ia atrás:

— Entre você também, meu genro!

A estas palavras o redactor espichou levemente a cabeça e mediu-me com o seu olhar penetrante e desconfiado.

— Que deseja a senhora? perguntou elle.

— Venho para saber que ha de povo sobre o homem.

— Se a senhora tivesse lido o *Paiz*, saberia que se vai proceder amanhã á exhumação do cadaver no cemiterio de S. Francisco Xavier.

— De que cadaver, perguntei empallidecendo.

— Do supposto Castro Malta.

— Pois e tempo perdido, disse eu, por que elle lá não está!

— Disso já sei eu! acrescentou o Sr. Quintino, mas quero levar a questão avante.

— O Castro Malta está em minha casa. Posso apresental-o, quando V. S. quiser.

— O senhor está louco?

— Digo a verdade. Se V. S. quizer a prova, eu o trarei amanhã aqui.

— Não. Quero que traga hoje mesmo respondeu o redactor, correndo a sua mão pallida por um peza-papeis que estava sobre a meza e representava uma luva amarrotada.

— Mas hoje mesmo não é possível, retroqui—Daqui tenho de ir com minha sogra a...

— Não! atalhou esta—Não! Se você diz que o Castro está em sua casa, vamos lá em primeiro lugar. Quero vel-o!

— Mas, esse Castro, perguntou o Sr. Quintino a D. Leonarda, esse Castro não é o mesmo que a senhora me affiançou haver morrido na Casa de Misericórdia?

— E' ou pelo menos deve ser.

— Mas então como está vivo?

— Ora essa! porque não morreu!

Tive impetos de confessar ao redactor tudo que sabia a respeito do facto do cemiterio; mas por esse tempo a questão Castro Malta havia já tomado taes proporções entre o publico que eu, receioso de futuros incommodos, resolvi não dar uma palavra, arrependido até de haver feito a declaração que me escapára dos labios.

— Bem! disse o Sr. Quintino, amanhã. Espero-os aqui ás 11 horas do dia. Não faltem.

— E se o homem não quizer acompanhar-me? perguntei.

— Nesse caso irei eu ao encontro d'elle. Olhe! é até melhor que eu vá justamente. Deixe-me o numero de sua casa e espere amanhã por mim ás novs horas.

— Da manhã?

— Sim, senhor.

Fizemos as nossas despedidas ao Sr. Quintino e, já na rua do Ouvidor, quiz convencer a minha sogra de que devia-

mo s ir primeiro ao encontro de Margarida, mas a velha não cedeu e puxou-me para os lados de minha casa.

— Em que diabo de trapalhada me metti!... pensava eu pelo caminho— Afinal a questão cahiu já no dominio publico; de dia para dia ella toma um character mais serio, e não quero pensar em quaes serão para mim as consequencias de tudo isto!... Ah! Margarida, Margarida, mal sabes tu o martyrio que me tens feito passar!...

Só ás nove da noite chegamos á casa. Minha sogra arfava de impaciencia ao meu lado, enquanto eu abria a porta.

— Quem é? perguntou uma voz de dentro.

— Ai! o meu rico homem! exclamou a velha, levando aos olhos uma das pontas do chale.

E, apesar da escuridão, enfiou de carreira pelo corredor.

(Continúa)

TRATOS Á BOLA

Os distinctos charadistas os Sr. J. da C. e S., Siger, Uma leitora d'A *Semana* Philomeno, Manoel Pedro Guimarães, Josephina B., Almondega, Honorio Esteves do Sacramento, e Coral não fizeram jus aos premios offerecidos ao primeiro e segundo decifradores dos *Tratos* ultimos.

Foi a Exma. Sra. D. Carlinda Nunes a primeira decifradora e o Sr. Sans-Souci o segundo. Mandem pois buscar os seus premios.

Eis as dicifrações: da monosyllabica—*Ornithologia*, da pergunta—*Argos*, das ante-postas—*Espingarda e Peru*; da em quadro:

Luar
Urna
Angü
Raul

Das novissimas—*Geologia*, (1) *Resposta e Cará-Cará*, e das telegraphicas—*Taco e Paiz*.

Para hoje damos as seguintes *tratices*:

DECAPITADA
(Por letras)

Jesus! são duas—E' o que fazem suas—meu caro senhor—por isso, despejhe em cima agua—O trunfo é—tem a forma de um—

TELEGRAPHICA

1-1-1—Tridente é tolo.
1-1-1—Dido é quadrupede.

AUGMENTATIVA

Esta nota—e este dinheiro—toca-se—

ANTIGA

Sou parte essencial de qualquer flor—1
Sou parte essencial de qualquer flor—2
Sou parte essencial de qualquer flor.

TIBURCIANAS

1-2—Na mathematica, no Christo e no pomar.
1-1-1—Com mais um *a* come-se e bebe-se na mão do pintor.

VERBAL

Qual o verbo que unido a um adverbio forma um substantivo que contém toda casta de bichos?

PREMIOS

Ao primeiro decifrador exacto um decimo da loteria de 400 contos e ao segundo um almanack do *Correio da Europa*—para 1885.

D. PASTEL

(1) Houve um pequeno engano n'esta charada, o qual, felizmente, não servio de tropeço a quem como D. Carlinda e Sans-Souci chegam a *adivinhar!*

Publicaremos no proximo numero um excellente artigo critico do nosso distincto collaborador Araripe Junior sobre *GERMINAL*, o assombroso romance de Zola.

Por nos haver chegado muito tarde não podemos dar hoje as *Ephemerides brasileiras semanais*, que pretendiamos inaugurar n'este numero. Sentimolo, porque entre ellas figurava o 21 de Abril, data sobre que o redactor d'esta nova secção se havia demorado em considerações.

Recebemos:

— *Bibliotheca domestica*, anno I, n. 1. Edictor—Ernesto de Nogueiroi. Enceta a sua carreira com a publicação do romance de Julio Verne *A Estrella do Sul*. Diz o edictor no seu pequeno cavaco preliminar: « Sendo esta publicação filha de um esforço pessoal, de muita luta e sacrificios de seu edictor, que deseja tornar-a uma pequena instituição, procuraremos manter firme o nosso programina para que possamos ter vida longa e tornarmos dignos da confiança dos nossos assignantes, affm de para o futuro, apresentar trabalhos de outro genero. » Desejamos-lhe realizem-se tão louvaveis desejos, estranhando, comtudo, a lembrança de querer tornar a sua bibliotheca—uma pequena instituição. Naturalmente para incluil-a nas muitas que felizmente nos regem.

— « O Martyr do Calvario, » breves considerações sobre a Vida, Paixão e Morte de Jesus Christo; por Antonio José Fonseca Moreira.

— « A herança de um monsenhor, » romanceto, sem nome de auctor; impresso em S. Paulo.

— « Uma lagrima, » nocturno, por Gregorio de Rezende, offerecido ao Sr. alferes Gaudencio Cezar de Mello.

— « A Illustração » 2º anno, n. 6. Traz bellissimas gravuras; sobresahindo as que representam a *Parca e o amor* (esculptura de G. Doré) e o *Martyrio de Jesus de Nazareth* (quadro de Morat) que são... magnificas! Além d'isto fornece ao leitor um escolhido e variado texto.

Recommendamol-a ainda uma vez ao publico.

FACTOS DIVERSOS

Matrimoniaram-se hontem na igreja matriz de Nossa Senhora da Gloria a Exma. Sra. D. Maria Emerita Bocayuva, digna filha do Sr. Quintino Bocayuva; e o Sr. Dr. Godofredo Cunha, herdeiro do nome glorioso de Felix Xavier da Cunha.

Foram padrinhos: por parte da noiva o Sr. deputado geral Dr. Alfredo Camillo Valdetaro e sua Exma. senhora, e por parte do noivo, o Sr. conselheiro, senador Gaspar Silveira Martins.

Parabens aos noivos e ao nosso illustre collega d'O *Paiz*.

Parte hoje para Santo Antonio de Padua o Sr. capitão Joaquim Luiz Cezar de Oliveira Junior, collector de rendas geraes e provinciaes d'aquelle municipio.

O Club Emancipador Visconde de Cavrellas realisou uma sessão solemne no dia 19 do corrente.

Foram entregues por essa occasião quatro cartas de liberdade que importaram em 1:850\$000.

O Sr. Carrazedo, presidente do Club, convidou o distincto abolicionista capitão

Senna para occupar a presidencia; o que foi accedido pelo mesmo senhor.

No acto da entrega das cartas a cada liberto o Sr. capitão Senna dirigia-lhe umas palavras de amigo e conselheiro.

Fizeram-se representar: a Caixa Libertadora José do Patrocinio, Confederação Abolicionista, Club Abolicionista Preparatorio, Centro Abolicionista João Clapp, *Gazeta da Turde*, a Escola Militar, esta folha e varias commissões.

A' porta do Club duas gentilissimas senhoras esmolaram em nome dos escravos. Lenderam as sacolas 448440.

Durante a festa a Sociedade Musical Prazer da Gloria tocou diferentes trechos de musica. Foi-lhe offerecida pela directoria do Club uma bella corôa.

Agradecendo a amabilidade do convite que nos remetteram, enviamos á directoria do Club Visconde de Caravellas nossas felicitações.

CORREIO

SR. F. PEREIRA.—A amostra da sua traducção do conto de E. Zola: *Comment on meurt* não é má. Mas não nos convém publicar-o.

SR. C. FRANKLIN.—O soneto que nos mandou, é ruim como cobra. meu amigo.

Muito desafinado o *seu piano*. Ah, o senhor pensa que a poesia é *piano* que preto toca? l...

CONSULTAS

Já enviámos resposta pelo correio ás dos seguintes senhores:

— Pedro da Cunha Lopes (S. Geraldo);

— Joaquim Alves de Moraes e Mello, e José Queiroz de Lima (Côrte);

— José Celestino de Aguiar (S. Joaquim);

— João Bastos Pinto Salgado (Porto Seguro).

Quanto á consulta do Sr. M. R., aqui inserimos a respectiva resposta:

Ao Sr. M. R.

1.ª

A fórmula do Xarope d'Easton acha-se desenvolvida á pag. 201 do *Formulario da Santa Casa de Misericordia da Côrte*.

2.ª

Fórmula do *Elixir de Mac-Mune*:

Opio molle..... 10 oitavas

Agua potavel..... 12 onças

Alcool de 40° (medido)..... 4 onças

D sfaça o opio n'agua e deixe em maceração por 48 horas, agitando de vez em quando.

Filtre então e lave o residuo sobre o filtro com agua até obter exactamente 12 onças de liquido filtrado. Junte então o alcool á solução filtrada e guarde.

N. B.—Não se acha em formulario algum. E', pois, uma formula particular.

Rio, 15—1—1885.

DR. HENRIQUE DE SÁ.

ANNUNCIOS

Dr. Henrique de Sá.—Espec.: Syphilis e molestias das crianças. Consultorio:—rua Primeiro de Março, 22; de 1 ás 3 horas da tarde. Residencia:—rua de S. Pedro, 294.

O advogado Dr. Valentim Magalhães, é encontrado todos os dias, das 10 horas da manhã ás 4 da tarde, no seu escriptorio, Travessa do Ouvidor, 36.

Portuguez, Francez e Inglez—Professor Rodolpho Porciuncula. Recados nesta folha.

ERNESTO PINTO COELHO

SOLICITADOR

VILLA DE PADUA

ALFREDO CESAR DA SILVEIRA

RELOJOEIRO

67 Rua da Assembléa 67

Calçado Inglez de Bostock—Crashley & C., rua do Ouvidor n. 67.



HOTEL NOVO MUNDO

Serviço profuso e variadissimo

Vinhos de todas as marcas, de qualidade garantida

Encarrega-se de grandes jantares e banquetes

Serviço completo

PREÇOS MODICOS

13 Rua Primeiro de Março 13

PROPRIETARIO

JOÃO DIOGO SOARES DE BRITO

EVANGELINA

POEMA

DE

H. LONGFELOW

TRADUCÇÃO DE

AMERICO LOBO

Vende-se nas livrarias Faro & Nunes, Laemmert e Serafim Alves e no escriptorio desta folha, a

2\$000 o exemplar

GAZETA MUSICAL

Revista quinzenal de theatros, musicas e bellas-artes. Retratos das maiores notabilidades artisticas, biographias, artigos de critica, correspondencias de Paris, Londres, Berlin, Vienna, Milão, Leipzig, Hamburgo, Madrid e Rio de Janeiro, poesias, romances e sempre

24 PAGINAS DE MUSICA

4, 5, 6 e 7 peças de autores celebres, allemães, francezes e italianos

EDIÇÃO ESPECIAL PARA O BRAZIL

Nº 1

Publicado em 15 de Agosto de 1884

Assignatura mensal ou dons numeros..... 2\$ fracos
Com exclusão do porte de Correio para as provincias.
Acha-se completo o primeiro trimestre, comprehendendo 6 numeros encadernados em um só volume, ornando um mag-nifico album, proprio para presente.

Preço 6\$000

REPRESENTANTES NESTE IMPERIO

H. LAEMMERT & C.

66 RUA DO OUVIDOR 66

LIVRARIA UNIVERSAL

HOSPEDARIA FIEL

RUA DA ALFANDEGA N. 236 E TRAVESSA DE S. DOMINGOS N. 2

Os proprietarios deste vasto estabelecimento têm a honra de apresentar á concurrença publica, bonitos quartos mobiliados, espaçosos e muito arejados, offerecendo toda a garantia de segurança, aonde os Srs. viajantes podem pernoitar livres de risco. Todos os compartimentos com linda vista tanto para a travessa como para a rua da Alfandega.

A casa está aberta toda a noite. Preços modicos.—Lima & Xavier.

RESTAURANT VOLTAIRE

29 RUA DA URUGUAYANA 29

Almoço. \$800 | Jantar. 1\$000

Serviço associado e profuso

Parece incrível que por tão modestos preços se possa comer tão bem! Pois venha verificá-lo, quem duvidar, á

29 RUA DA URUGUAYANA 29